



OBSERVATÓRIO DA CIDADE RESILIENTE

CAMPANHA
CONSTRUINDO CIDADES RESILIENTES



MINHA CIDADE ESTÁ SE PREPARANDO!

Temas Abordados: Campanha Mundial “Construindo Cidades Resilientes”, Plataforma Global para a Redução do Risco de Desastres – Sendai e a sua integração com Objetivos do Desenvolvimento Sustentável, Acordo de Paris, Habitat III e a Cúpula Humanitária para a resiliência a desastres.

PUBLICAÇÃO: 20/03/2020



OPAS pede que ministros da Saúde reorganizem serviços para atender pacientes com COVID-19

A diretora da [Organização Pan-Americana da Saúde \(OPAS\)](#), Carissa F. Etienne, pediu na quarta-feira (18) que todos os países das Américas adotem medidas urgentes para reorganizar seus serviços de saúde e proteger profissionais para que possam atender com segurança pacientes infectados pelo novo coronavírus e salvar vidas.

“A mensagem é clara: agora é a hora de os países aumentarem sua capacidade de detectar casos, cuidar de pacientes e garantir que os hospitais tenham o espaço, suprimentos e funcionários necessários para prestar os atendimentos”, afirmou Etienne durante sua teleconferência semanal com os ministros da Saúde da Região das Américas.

Etienne encorajou os líderes da saúde a envolverem cidadãos e outros setores no apoio às ações de saúde pública. “Se todos colaborarem, não é tarde demais para conter a situação, achatar a curva epidêmica e, assim, evitar sobrecarregar os serviços de saúde para que possam oferecer os cuidados necessários a todas as pessoas que precisam.”

Desde o início da epidemia de COVID-19, em 31 de dezembro de 2019, até 17 de março de 2020, foram registrados 191.127 casos e 7.807 mortes em todo o mundo. A maioria dessas mortes ocorreu na China, Itália, Irã, Espanha e França. Até terça-feira (17), 37 países e territórios das Américas notificaram 5.944 casos e 19 mortes em função da doença.

De acordo com a Organização Mundial da Saúde (OMS), dados recentes indicam que 81% dos casos de COVID-19 são relativamente leves; 14% evoluem para doenças mais graves; e cerca de 5% se tornam críticos, exigindo tratamento de apoio, como oxigênio e ventilação mecânica. Idade avançada e condições médicas pré-existentes são fatores de risco para casos graves.

O aumento do fluxo de pacientes que necessitam de atenção médica para a COVID-19 pode sobrecarregar a capacidade dos hospitais de prestar atendimento a todos que precisam.

Aumentos acentuados de doenças críticas já esgotaram tanto os suprimentos biomédicos quanto os profissionais em alguns países.

Por esse motivo, Etienne incentivou hospitais a desenvolverem planos de emergência e garantirem que profissionais de saúde tenham o equipamento de proteção individual e o treinamento necessários para prevenir a infecção. “Profissionais de saúde são a primeira linha de defesa contra essa pandemia. Precisamos protegê-los para que eles possam cuidar de todos nós”, ressaltou a diretora da OPAS.

Até o momento, não há tratamento específico para a COVID-19. A implementação de terapias de apoio oportunas, eficazes e seguras (oxigênio, hidratação e alívio da febre e da dor) é a pedra angular da terapia para os pacientes que desenvolvem manifestações graves da doença.

Especialistas da OPAS estão trabalhando junto aos ministérios da Saúde das Américas para preparar os serviços de saúde de seus países para lidar com o aumento do fluxo de pacientes e fortalecer a prevenção e controle de infecções.

“O curso da pandemia dependerá de quais medidas os países adotarão”, disse Etienne. A diretora da OPAS detalhou a possibilidade de três cenários nos países da região: *clusters* (aglomerado de casos) relacionados a casos importados; surtos em “espaços fechados”, como casas de repouso; e transmissão comunitária.

Muitos países já adotaram medidas para reduzir a taxa de transmissão e proteger suas populações, desde declarar estado de emergência a fechar fronteiras, escolas e universidades, além promover o distanciamento social.

“A OPAS continua trabalhando junto aos países para fornecer apoio e responder a essa pandemia”, destacou Etienne. “É esperado que todos os países relatem casos. Precisamos reduzir a transmissão, achatar a curva e evitar situações que podem sobrecarregar nossos hospitais e nossas equipes de saúde para salvar vidas.”

[Folha informativa sobre COVID-19 \(em português\)](#)

FONTE: https://www.paho.org/bra/index.php?option=com_content&view=article&id=6101:folha-informativa-novo-coronavirus-2019-ncov&Itemid=875

[Relatórios de situação da OMS \(em inglês\)](#)

FONTE: <https://www.who.int/emergencies/diseases/novel-coronavirus-2019/situation-reports>



Desemprego, informalidade e desocupação afetam jovens na América Latina e no Caribe

Altas taxas de desemprego, informalidade e desocupação afetam quase 110 milhões de jovens na América Latina e no Caribe e representam o desafio na elaboração de estratégias eficazes para facilitar sua inserção no mercado de trabalho, disse o

escritório regional da Organização Internacional do Trabalho (OIT) nesta segunda-feira (16), citando novos dados de um relatório sobre tendências de emprego.

“O cenário de emprego juvenil na região é preocupante e ficará ainda mais complicado quando for sentido o impacto do coronavírus na economia regional”, disse Vinícius Pinheiro, diretor da OIT para a América Latina e o Caribe, comentando os dados regionais do relatório “Global Employment Trends for Youth 2020: Technology and future of Jobs” (GET Youth 2020, ou “Tendências Globais para o Emprego Juvenil 2020: a tecnologia e o futuro dos empregos”), apresentado em Genebra no começo de março.

Pinheiro explicou que empregos temporários, em regime de meio período ou desprotegidos por serem em condições de informalidade, são os mais afetados pela deterioração da economia. “O coronavírus contagiará os mercados de trabalho e afetará os indicadores de emprego juvenil”, declarou.

“Quando há uma crise, os jovens estão entre os primeiros a perder o emprego, principalmente os na economia informal e que estão em setores como turismo, transporte, comércio não eletrônico e outros serviços nos quais o teletrabalho não é uma opção”, acrescentou ele.

Na América Latina e no Caribe, existem 9,4 milhões de jovens desempregados (as), 23 milhões que não estudam, nem trabalham nem estão em treinamento e mais de 30 milhões só conseguem emprego informal, de acordo com o novo relatório da OIT.

A taxa de participação no mercado de trabalho das e dos jovens, que alcançou 48,7% em 2020, está diminuindo de forma leve, mas contínua, desde 2000, quando era de 53,7%. Isso significa que atualmente existem mais de 52 milhões de pessoas com idade entre 15 e 24 anos na força de trabalho regional, incluindo as empregadas e as desempregadas, mas que buscam ativamente emprego.

A taxa de desemprego juvenil prevista para 2020 é de 18%. Esse percentual é pouco mais do que o dobro da taxa geral e três vezes maior do que a dos adultos, uma situação que se repete em quase todos os países.

O desemprego é considerado a ponta do iceberg pela OIT, que também destaca a importância de considerar a alta taxa de informalidade de 62,4% para os jovens, 10 pontos percentuais acima do índice entre adultos. Isso implica que a maioria dos empregos disponíveis é precária, com baixos salários, sem proteção ou direitos.

O relatório publicado pela OIT este ano faz uma referência especial ao fato de que um quinto dos jovens não trabalha nem estuda, o que significa que eles não estão ganhando experiência no mercado de trabalho, nem recebendo renda proveniente de um emprego ou melhorando sua educação ou suas competências.

Na América Latina e no Caribe, 21,7% de todos os jovens não trabalham nem estudam, uma taxa que também experimentou um leve aumento, mas persistente, desde 2000, quando era de 20,1%.

“Uma taxa tão elevada de jovens que não estudam, trabalham ou recebem treinamento é altamente preocupante para a região”, destacou Pinheiro.

Além disso, os dados do novo relatório da OIT refletem uma situação desfavorável para as jovens mulheres no mundo do trabalho.

No caso dos jovens que não trabalham nem estudam, a taxa de mulheres é de 28,9%, o dobro da dos homens, de 14,6%. A maioria das 15,3 milhões de mulheres jovens tem dificuldades para acessar o mercado de trabalho, treinamento ou estudo devido a ocupações não remuneradas em casa.

As diferenças de gênero na região também são visíveis no desemprego, pois a taxa de jovens mulheres desempregadas é de 22% e está quase 7 pontos percentuais acima da dos homens (15,2%) em 2020.

O diretor regional da OIT destacou que “a falta de oportunidades de trabalho decente causa desânimo e frustração entre os jovens, o que pode até ter um impacto na governança e afetar o desenvolvimento social da região, porque, em muitos casos, afeta as trajetórias de trabalho durante toda a vida”.

“Especialmente em um contexto de provável retração da demanda causada pela pandemia da COVID-19, é essencial promover medidas de estímulo econômico voltadas para os jovens”, acrescentou Pinheiro.

“Temos que redobrar nossos esforços para criar oportunidades de emprego produtivo adequado para a próxima geração de trabalhadores”, destaca o relatório da OIT.

Medidas de políticas integradas e eficazes são cruciais. As ações do lado da oferta (treinamento e educação) são importantes, mas não suficientes, a menos que sejam acompanhadas de medidas igualmente firmes para aumentar a demanda por mão de obra jovem, acrescenta o relatório da OIT.

FONTE: https://www.ilo.org/wcmsp5/groups/public/---dgreports/---dcomm/---publ/documents/publication/wcms_737648.pdf



Covid-19: medidas de emergência não devem suprimir direitos humanos, dizem relatores

Um grupo de 18 relatores* e especialistas em direitos humanos da ONU** pediu aos Estados-membros que evitem o excesso de medidas de segurança na resposta ao covid-19.

Em nota publicada esta segunda-feira, os especialistas afirmam que os poderes de emergência não devem ser usados para reprimir a dissidência.

Crise

O grupo reconhece “a gravidade da atual crise de saúde” e lembra que “o uso de poderes de emergência é permitido pelo direito internacional em resposta a ameaças significativas.” Apesar disso, “qualquer resposta de emergência deve ser proporcional, necessária e não-discriminatória.”

O apelo endossa a alta comissária das Nações Unidas para os Direitos Humanos, Michelle Bachelet, que pediu recentemente para se colocar os direitos humanos no centro da resposta ao coronavírus.

Direito internacional

O direito internacional tem orientações claras sobre declarações de estados de emergência, por razões de saúde ou segurança. O uso destes poderes deve ser declarado, publicamente, e notificado aos órgãos relevantes sempre que os direitos fundamentais, como movimento e associação, forem limitados de forma significativa.

Os especialistas dizem que a situação “não deve ser usada para atingir grupos, minorias ou indivíduos.” Também não deve servir de cobertura para ações repressivas nem para silenciar o trabalho dos defensores dos direitos humanos.

Risco

O grupo afirma que existe o risco de Estados e instituições de segurança usarem estes poderes como um atalho, criando ligações com os sistemas legais e políticos. Para evitar essa situação, “as restrições devem ser implementadas de forma única e devem ser o meio menos invasivo de se proteger a saúde pública.”

Nos países onde o surto já está diminuindo, as autoridades devem tentar voltar à vida normal e evitar o uso destes poderes para controlar, indefinidamente, a vida das populações.

Por fim, os especialistas encorajam “os Estados a permanecerem firmes na manutenção de uma abordagem com base nos direitos humanos para facilitar o surgimento de sociedades saudáveis com Estado de Direito e direitos humanos protegidos.”

** Nota foi assinada pelos relatores e especialistas Fionnuala D. Ní Aoláin, Agnes Callamard, David Kaye, Michel Forst, Clément Nyaletsossi Voule, Dainius Pūras, Koumbou Boly Barry, Joe Cannataci, Ahmed Shaheed, Saad Alfarargi, Obiora C. Okafor, Livingstone Sewanyana, Diego García-Sayán, José Antonio Guevara Bermúdez, Leigh Toomey, Elina Steinerte, Seong-Phil Hong e Sètondji Adjovi.*

***Os relatores especiais de direitos humanos são independentes das Nações Unidas e não recebem salário pelo seu trabalho.*

FONTE: https://news.un.org/pt/story/2020/03/1707422?utm_source=ONU+News+-+Newsletter&utm_campaign=3e033351a3-

EMAIL_CAMPAIGN_2020_03_17_12_05&utm_medium=email&utm_term=0_98793f891c-3e033351a3-105027597



Países não devem abusar de medidas emergenciais que possam violar direitos humanos

O apelo dos relatores ecoa o recente chamado da alta-comissária das Nações Unidas para os Direitos Humanos para colocar os direitos humanos no centro da resposta ao novo coronavírus. Foto: pixabay/leo2014

Especialistas em direitos humanos da ONU pediram na segunda-feira (16) aos Estados que evitem o excesso de medidas de segurança em sua resposta à pandemia de coronavírus, e lembraram que os poderes de emergência não devem ser usados para conter dissidência política.

“Embora reconheçamos a gravidade da atual crise da saúde e reconheçamos que o uso de poderes de emergência é permitido pelo direito internacional em resposta a ameaças significativas, lembramos urgentemente os Estados que qualquer resposta de emergência ao coronavírus deve ser proporcional, necessária e não discriminatória”, disseram os especialistas.

O apelo dos relatores ecoa o recente chamado da alta-comissária das Nações Unidas para os Direitos Humanos, Michelle Bachelet, para colocar os direitos humanos no centro da resposta ao novo coronavírus.

Declarações de estados de emergência, por razões de saúde ou segurança, têm orientações claras do direito internacional, disseram os especialistas da ONU.

“O uso de poderes de emergência deve ser declarado publicamente e deve ser notificado aos órgãos (internacionais) relevantes quando os direitos fundamentais, incluindo de movimento, vida familiar e assembleia, estiverem sendo significativamente limitados.”

“Além disso, declarações de emergência baseadas no surto de COVID-19 não devem ser usadas como base para atingir grupos, minorias ou indivíduos específicos. Não deve servir de cobertura para ações repressivas sob o pretexto de proteger a saúde, nem deve ser usado para silenciar o trabalho dos defensores dos direitos humanos.”

“As restrições adotadas para responder ao vírus devem ser motivadas por objetivos legítimos de saúde pública e não devem ser usadas simplesmente para conter a

dissidência.”

Alguns Estados e instituições de segurança podem achar atraente o uso de poderes de emergência porque este oferece atalhos, disseram os especialistas. “Para impedir que tais poderes excessivos se conectem aos sistemas legais e políticos, as restrições devem ser estritamente adaptadas e devem ser o meio menos invasivo de proteger a saúde pública.”

Por fim, nos países onde o vírus está diminuindo, as autoridades devem tentar voltar à vida normal e evitar o uso excessivo de poderes de emergência para regular indefinidamente a vida cotidiana, disseram eles.

“Encorajamos os Estados a permanecerem firmes na manutenção de uma abordagem baseada nos direitos humanos para regular essa pandemia, a fim de facilitar o surgimento de sociedades saudáveis com Estado de Direito e proteções aos direitos humanos”, disseram os especialistas da ONU.

O comunicado é assinado por relatora especial para a promoção e proteção dos direitos humanos e liberdades fundamentais no combate ao terrorismo, Fionnuala D. Ní Aoláin; relatora especial para execuções extrajudiciais, sumárias ou arbitrárias, Agnes Callamard; relator especial para a promoção e proteção do direito à liberdade de opinião e expressão, David Kaye.

Também foi assinado por relator especial sobre a situação dos defensores dos direitos humanos, Michel Forst; relator especial sobre o direito à liberdade de reunião e associação pacífica, Clément Nyaletsossi Voule; relator especial sobre o direito à saúde física e mental, Dainius Pūras.

Foi assinado ainda por relator especial para o direito à educação, Koumbou Boly Barry; relator especial sobre o direito à privacidade, Joe Cannataci; relator especial sobre liberdade de religião ou crença, Ahmed Shaheed; relator especial sobre o direito ao desenvolvimento, Saad Alfarargi; relatora especial sobre habitação adequada, Leilani Farha; relator especial sobre os direitos humanos à água potável e ao saneamento, Léo Heller.

O documento teve ainda a assinatura de especialista independente em direitos humanos e solidariedade internacional, Obiora C. Okafor; especialista independente na promoção de uma ordem internacional democrática e equitativa, Livingstone Sewanyana; relator especial para a independência de juízes e advogados, Diego García-Sayán.

O relatório também foi endossado por Grupo de Trabalho sobre Detenção Arbitrária: José Antonio Guevara Bermúdez (Presidente), Leigh Toomey (Vice-Presidente de Comunicações), Elina Steinerte (Vice-Presidente de Acompanhamento), Seong-Phil Hong e Sètondji Adjovi; e Grupo de Trabalho sobre Desaparecimentos Forçados ou Involuntários: Luciano Hazan (Presidente-Relator), Tae-Ung Baik (Vice-Presidente),

Houria Es-Slami, Houria Es-Slami, Bernard Duhaime e Henrikas Mickevicius.

Os Relatores Especiais fazem parte do que é conhecido como Procedimentos Especiais do Conselho de Direitos Humanos. Procedimentos Especiais, o maior órgão de especialistas independentes no sistema de Direitos Humanos da ONU, é o nome geral dos mecanismos independentes de pesquisa e monitoramento do Conselho que abordam situações específicas de países ou questões temáticas em todas as partes do mundo.

Especialistas em procedimentos especiais trabalham voluntariamente; eles não são funcionários da ONU e não recebem salário por seu trabalho. Eles são independentes de qualquer governo ou organização e servem em sua capacidade individual.

FONTE:https://news.un.org/pt/story/2020/03/1707422?utm_source=ONU+News+-+Newsletter&utm_campaign=3e033351a3-EMAIL_CAMPAIGN_2020_03_17_12_05&utm_medium=email&utm_term=0_98793f891c-3e033351a3-105027597



Pacto Global sugere respostas das empresas à COVID-19

O surto da COVID-19, doença provocada pelo novo coronavírus, não é apenas uma crise global da saúde, mas afeta também o comércio e a economia globais. Seu impacto está crescendo e será sentido no curto e no longo prazo. Todos os setores da sociedade foram afetados pelo surto – incluindo a comunidade empresarial internacional.

Como a maior iniciativa corporativa de sustentabilidade do mundo, o Pacto Global das Nações Unidas está pedindo aos líderes empresariais de todos os lugares que se unam para apoiar comunidades e empresas afetadas pelo surto.

O Pacto Global expressa preocupação com a situação que se desenrola nos países afetados e está em solidariedade com seus participantes, colegas e com a população neste momento difícil e espera um fim rápido para esta crise.

Um plano internacional coordenado envolvendo o setor empresarial será fundamental nos esforços para apoiar os países afetados e limitar mais interrupções.

No espírito de responsabilidade, solidariedade e cooperação internacional, o Pacto Global está incentivando as empresas de todos os lugares a tomarem medidas imediatas para apoiar as comunidades e negócios afetados no momento de necessidade.

As ações sugeridas incluem, entre outras:

- Suporte financeiro: contribuir com fundos como o Plano Estratégico de Preparação e Resposta (Strategic Preparedness and Response Plan – SPRP), que descreve atividades e recursos necessários a organizações internacionais de saúde em todo o mundo, incluindo a Organização Mundial da Saúde (OMS), para implementar medidas prioritárias de saúde pública em apoio à resposta dos países ao surto.
- Aumentar a conscientização: compartilhar informações da Organização Mundial da Saúde e da Organização Pan-americana da Saúde (OPAS) sobre precauções e outras medidas preventivas.
- Ser flexível: exercer flexibilidade em termos de acordos de trabalho remoto para funcionários que desejam limitar seu contato com outras pessoas e trabalhar em casa. Apoiar as empresas e os fornecedores afetados pelo surto adotando uma abordagem flexível e compreensiva às suas negociações comerciais. Ser flexível nos prazos de entrega e pagar as faturas imediatamente.
- Ser compassivo: entrar em contato com amigos e colegas para perguntar o que precisam e oferecer apoio.
- Fornecer ajuda e suporte: explorar como a empresa pode dar suporte, inclusive aproveitando sua cadeia de suprimentos global, para aumentar o suprimento de itens essenciais em áreas e países afetados. As empresas também podem oferecer ativos, recursos e apoio financeiro para fornecer suprimentos médicos e aumentar o apoio aos esforços de assistência.

O Pacto Global está monitorando a situação e acompanhando as atualizações da OMS.

Utilize este momento para ampliar o conhecimento das equipes sobre sustentabilidade: a UN Global Compact Academy pode ser acessada por todos os funcionários das organizações engajadas na categoria Participants, sem custo. A maior plataforma online de capacitação para os Objetivos de Desenvolvimento Sustentável (ODS) traz conteúdos sobre diversos temas, com legendas em português. Se ainda não utiliza a Academy, veja como pode disponibilizar a ferramenta para sua equipe aqui. Na Rede Brasil, mais informações podem ser obtidas com Gabriela Rozman (gabriela.rozman@pactoglobal.org.br).

FONTE: https://nacoesunidas.org/pacto-global-sugere-respostas-das-empresas-a-covid-19/?utm_source=feedburner&utm_medium=email&utm_campaign=Feed%3A+ONU+Brasil%29

COVID-19: Saúde mental na era do novo coronavírus

Desde janeiro, quando a Organização Mundial da Saúde (OMS) determinou o surto da nova doença do coronavírus, COVID-19, como uma “emergência de saúde pública de interesse internacional”, os níveis de estresse em todos os lugares continuaram aumentando.

Enquanto a OMS e as autoridades de saúde de todo o planeta agem para conter a pandemia, recomendações sobre a proteção da saúde mental foram desenvolvidas pelo Departamento de Saúde Mental e Uso de Substâncias da agência de saúde da ONU.

A orientação de 31 pontos da OMS visa especificamente a população em geral; profissionais de saúde; gerentes de unidades de saúde; prestadores de cuidados infantis; idosos, prestadores de cuidados e pessoas com condições de saúde pré-existent; e aqueles que estão isolados para tentar conter a propagação da pandemia.

“Seja empático com todos aqueles que são afetados, dentro e provenientes de qualquer país”, destaca a OMS, alertando contra o estigma em relação a quem tem ou teve o vírus.

Também é recomendável procurar atualizações de informações apenas de fontes confiáveis e em horários definidos uma ou duas vezes por dia.

“O repentino e quase constante fluxo de notícias sobre um surto pode deixar qualquer pessoa preocupada”, disse a OMS. “Trabalhe com fatos; não com rumores e desinformação”.

O site e as plataformas das autoridades locais de saúde podem ajudar a separar fatos e especulações.

A agência de saúde da ONU também aponta os benefícios de ajudar outras pessoas, como telefonar para vizinhos ou membros da comunidade que possam precisar de assistência extra.

“Trabalhar juntos como uma comunidade pode ajudar a criar solidariedade na abordagem à COVID-19.”

Aqueles que ajudam os outros

A agência de saúde da ONU pediu a todos que “honrassem cuidadores e profissionais de saúde... [pelo] papel que desempenham para salvar vidas e manter entes queridos

em segurança”, assegurando aos profissionais de saúde que é normal sentir-se “sob pressão” e enfatizando que o estresse é “de modo algum um sinal de que você não pode fazer seu trabalho ou que é fraco”.

A OMS instou-os a descansar o suficiente, comer alimentos saudáveis, praticar atividade física e manter contato com familiares e amigos.

“Este é um cenário único e sem precedentes para muitos trabalhadores, principalmente se eles não se envolveram em respostas semelhantes”, disse a OMS, lembrando que “este não é um ‘sprint’, é uma maratona”.

A OMS recomenda que a proteção dos funcionários contra o estresse crônico e a saúde mental ruim lhes proporcione as capacidades necessárias para o desempenho de suas funções.

Concentrando-se nas respostas de longo prazo, e não nas crises de curto prazo, os líderes de equipe ou os gerentes das unidades de saúde são incentivados a fornecer comunicação de qualidade e atualizações precisas de informações para todos os funcionários.

A OMS destacou os benefícios do rodízio de trabalhadores das funções de maior e menor estresse e na parceria de trabalhadores inexperientes com os que têm mais experiência, para proporcionar segurança.

Lembrando que a rede de colegas de trabalho ajuda a “fornecer apoio, monitorar o estresse e reforçar os procedimentos de segurança”, a OMS recomendou que funcionários trabalhassem em pares e “iniciassem, incentivassem e monitorassem os intervalos do trabalho”.

Para aqueles que têm crianças

“As crianças se sentem aliviadas se puderem expressar e comunicar seus sentimentos em um ambiente seguro e favorável”, sustentou a agência de saúde da ONU, incentivando que, se estiverem seguras, elas sejam mantidas próximas aos pais e à família.

Caso contrário, deve-se manter contato regular com os pais, como telefonemas ou videochamadas agendadas duas vezes ao dia.

Cuidando dos mais vulneráveis

Como os idosos e as pessoas com condições de saúde pré-existent e vulneráveis podem se tornar mais ansiosas, agitadas e retraídas durante o surto, a OMS enfatizou a importância de transmitir instruções claras de maneira concisa, respeitosa e paciente, observando que as fotos também podem ser utilizadas.

“Engaje a família e outras redes de apoio” para fornecer informações e ajudá-los a praticar medidas de prevenção, incluindo lavagem das mãos, disse a agência de

saúde da ONU. E, quando isolado, mantenha-se conectado e mantenha as rotinas diárias o máximo possível.

“Mantenha as coisas em perspectiva ... e evite ouvir ou seguir rumores”, concluiu a OMS.

Grávidas e mães amamentando

Enquanto isso, o Fundo de População da ONU (UNFPA) recomendou que as mulheres que amamentam e adoecem não devem ser separadas de seus recém-nascidos.

Embora não haja evidências de que a doença possa ser transmitida através do leite materno, o UNFPA instou as mães infectadas a usar uma máscara quando estiverem perto do bebê, lavar as mãos antes e depois da alimentação e desinfetar as superfícies contaminadas.

“Se uma mãe está doente demais para amamentar, ela deve ser incentivada a extrair leite para ser dado ao bebê, tomando todas as precauções necessárias”, afirmou a agência de saúde da ONU. “Saúde mental e apoio psicossocial devem ser disponibilizados para os indivíduos afetados e suas famílias”.

FONTE: <https://news.un.org/en/story/2020/03/1059542>



China mostra que disseminação do novo coronavírus pode ser interrompida

A experiência da China em conter a disseminação do novo coronavírus pode servir de lição para outros países que enfrentam a pandemia da COVID-19, disse uma autoridade da Organização Mundial da Saúde (OMS) em entrevista ao UN News.

Enquanto mais de 153 mil casos de doenças respiratórias foram registrados globalmente até domingo (15), esse número está em declínio na China, demonstrando que o curso do surto foi alterado, de acordo com o representante da OMS no país, Gauden Galea.

“É uma epidemia que foi interrompida à medida que crescia e parou de crescer. Isso está muito claro a partir dos dados que temos, bem como das observações que podemos ver na sociedade em geral”, disse o especialista, falando da capital, Pequim, no sábado (14).

“Portanto, essa é uma grande lição: que o curso natural do surto não precisa ser um pico muito alto que sobrecarregue os serviços de saúde. Esta lição de contenção,

portanto, é uma lição que outros países podem aprender e se adaptar às suas próprias circunstâncias.”

Entendendo ‘uma pneumonia de causa desconhecida’

A COVID-19 é a mais recente doença provocada pelos coronavírus que causam infecções respiratórias, como MERS e SARS.

A OMS está trabalhando no caso desde 31 de dezembro, quando foi informada pela primeira vez que “uma pneumonia de causa desconhecida” havia sido detectada em Wuhan, a maior cidade da província de Hubei, no centro da China.

Galea relatou que havia três perguntas principais a serem compreendidas durante esta fase inicial: como o vírus estava sendo transmitido, sua gravidade e quais medidas de controle deveriam ser tomadas.

“De certa forma, as três primeiras semanas foram profundamente envolvidas na investigação epidemiológica local, na realização de perguntas aos pesquisadores nacionais, na interpretação de redes internacionais de especialistas, no desenvolvimento de comunicações de risco em torno das informações que tínhamos, enviando informações para a mídia, alcançando parceiros nas Nações Unidas e nas missões na China com sede em Pequim”, afirmou.

Galea e colegas viajaram para Wuhan de 20 a 21 de janeiro, apenas alguns dias antes de a cidade ser sujeita a um bloqueio. Na época, não havia uma demanda esmagadora pelos serviços de saúde, embora a situação tenha mudado quando especialistas em saúde chineses e internacionais realizaram uma missão conjunta um mês depois.

O especialista entendeu que, embora houvesse deficiências na época, tomar medidas diferentes teria sido difícil.

“Mas essa contenção foi eficaz e permitiu que o restante da China pudesse conter o surto de uma maneira muito eficiente. A forma da epidemia e o pequeno número de casos vistos fora de Hubei são um testemunho do sucesso e da eficácia”, afirmou.

“É muito importante perceber que essas deficiências não são exclusivas da China e que poucos países estão manifestando maior velocidade de ação.”

Da emergência internacional à pandemia

Após duas reuniões de seu Comitê de Emergência, o chefe da OMS, Tedros Adhanom Ghebreyesus, em 30 de janeiro, declarou a nova doença uma emergência de saúde pública de interesse internacional: a classificação mais alta da agência para avaliação de riscos.

A OMS então montou o que Galea descreveu como um “plano de pesquisa” e começou a enviar kits de teste e equipamentos de proteção individual para outros

países.

Na semana passada, a OMS anunciou que a COVID-19 poderia ser caracterizada como uma pandemia: a primeira a ser desencadeada por um coronavírus.

“Quando lembramos que uma emergência de saúde pública de interesse internacional foi declarada em 30 de janeiro e, conforme falamos agora, estamos em meados de março, é muito importante entender que qualquer país que ainda não atendeu à chamada precisa estar agindo e agindo rápido: preparando a população através de uma comunicação de risco apropriada”, disse Galea.

Compartilhando as lições aprendidas

Com o número de casos na China em declínio, a OMS está trabalhando para compartilhar as lições aprendidas lá em benefício de outros países que agora enfrentam a COVID-19.

Galea elogiou a cooperação oportuna com a Comissão Nacional de Saúde, sua contraparte no país. Trocas precoces e frequentes resultaram no compartilhamento da sequência genética do vírus, bem como nas especificações para o desenho dos testes, para que outros países pudessem identificá-lo.

“A maior conclusão é que a China demonstrou que o curso do surto pode ser alterado. Normalmente, um surto dessa natureza teria um crescimento exponencial, atingiria um pico alto e diminuiria naturalmente quando todas as pessoas suscetíveis fossem infectadas ou desenvolvessem a doença. Isso não aconteceu na China de várias maneiras”, disse ele.

“Um: a forma do curso dos eventos – o gráfico, a curva epidêmica, como chamamos, do número de casos ao longo do tempo – parece muito antinatural. É uma epidemia que foi cortada à medida que crescia e parou de seguir. Isso é muito claro a partir dos dados que temos, bem como das observações que podemos ver na sociedade em geral.”

“Portanto, é uma grande lição que o curso natural do surto não precise ser um pico muito alto que sobrecarregue os serviços de saúde. Essa lição de contenção, portanto, é uma lição que outros países podem aprender e se adaptar às suas próprias circunstâncias.”

Utilize as ferramentas

Uma lição até agora tem sido a importância de ter sistemas nacionais de saúde pública fortes. Galea sublinhou a necessidade de preparação e o valor de fornecer a todos os cidadãos acesso a cuidados de saúde.

No nível individual, ele exortou as pessoas a não entrar em pânico e a seguir procedimentos para reduzir o risco de propagação, como lavar as mãos adequadamente, cobrir o nariz ao espirrar, tossir no cotovelo e trabalhar em casa

sempre que possível.

“As pessoas já ouviram essas coisas muitas vezes, mas nunca se pode repeti-las o suficiente ou com força suficiente. Este é o caminho. Essas são as ferramentas que temos agora. Utilizem.”

FONTE: <https://www.ohchr.org/EN/NewsEvents/Pages/DisplayNews.aspx?NewsID=25722&LangID=E>

INFORMAÇÕES

PROMOTOR BRASIL

<http://www.unisdr.org/campaign/resilientcities/Home/viewalladvocates#page-3>

CAMPINAS RESILIENTE - OBSERVATÓRIO

<https://resiliente.campinas.sp.gov.br/observatorio>

REDE DE CIDADES RESILIENTES DE LINGUA PORTUGUESA

<http://www.cidadesresilientes.net/>

PREVENTIONWEB

<http://www.preventionweb.net/english/>

SECRETARIA NACIONAL DE PROTEÇÃO E DEFESA CIVIL

<http://www.mi.gov.br/web/guest/cidades-resilientes>